A homossexualidade contada por uma série de reportagens radiofônicas – Discutindo Gêneros[1]

Bárbara Weise*
Camila Pereira Gonçalves[2]
Camilla Lopes*
Daiane Paim Köhler*
Mariana Silveira*
Gilson Luiz Piber da Silva[3]
Centro Universitário Franciscano – UNIFRA/ Santa Maria RS

Resumo

Neste trabalho investigamos o contexto da homossexualidade na região Central do Estado, através de uma série de reportagens radiofônicas oriundas da disciplina do Projeto Experimental de Rádio, do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA). Para isso, dividimos a série nos subtemas Direitos Civis, sobre novas Leis e alterações nas Leis vigentes; Religião, dos pontos de vista liberal e conservador; Relações Sociais, abordando homofobia, inclusão e preconceito; Processo Psicológico, ou seja, uma visão psicanalítica da sexualidade e sobre a inclusão do tema na Literatura Infanto-juvenil. O resultado foi o programa *Discutindo Gêneros*, com entrevistados na área de saúde, educação, direito e religião. A metodologia para a produção das reportagens utilizou técnicas de observação participante, e entrevistas semi-estruturadas.

Palavras-chave: Radiojornalismo; Série de Reportagens; Homossexualidade

1. Introdução

Muitos preconceitos ainda persistem na sociedade atual em relação à etnia, classe social, e escolhas de cunho religioso, sexual e cultural. A homossexualidade é um tema tratado cada vez com mais freqüência em diversas esferas sociais. Entretanto, muitas barreiras ainda existem, e precisam ser rompidas. Para compreender melhor tais inter-

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Estudante do 7º semestre do curso de Jornalismo da Unifra, email camilajornall@hotmail.com
*Estudantes do 7º semestre do curso de Jornalismo da Unifra
[3] Orientador do Trabalho, Professor do curso de Jornalismo da Unifra, email gilsonunifra@gmail.com

relações, propomos a exploração dos subtemas: Direitos Civis, relacionamentos sociais, psicologia e auto-conhecimento, religião e a forma como a temática é aplicada a Literatura Infanto-Juvenil.

Em cinco episódios, o Programa Discutindo Gêneros desenvolveu um retrato do contexto social quando se fala e homossexualidade. A produção do programa se deu através da disciplina do Projeto Experimental de Rádio, disciplina do curso de Comunicação Social – Jornalismo do Centro Universitário Franciscano (Unifra). Com a delimitação do tema em cinco assuntos diferentes, o programa abordou em cada reportagem uma temática.

Segundo pesquisa publicada pela UNESCO em 2004, ¼ dos estudantes brasileiros não gostariam de ter um colega homossexual em sala de aula. São mais altas as proporções de pais que mencionam que não gostariam que homossexuais fossem colegas de escola do seu filho: o indicador de rejeição está entre 47,5% dos pais em Fortaleza, e 22,2%, em Porto Alegre.

Um relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), no dia 8 de março de 2010, aponta que em 2009 aconteceram 198 assassinatos contra homossexuais em todo o país. A cidade que lidera o número de crimes é Curitiba com 14 homicídios. Os estados do Paraná e Bahia, com 25 mortes cada um, são os Estados onde mais homossexuais foram vitimados em 2009. O GGB baseia o levantamento em casos divulgados pela imprensa. Ainda segundo a entidade, só em 2010 já foram documentados 34 homicídios. O grupo, que realiza o levantamento há 30 anos, considera que entre os mortos, 59% eram gays, 37% travestis e 4% lésbicas.

Os dados divulgados pela UNESCO e pelo Grupo Gay da Bahia demonstram a necessidade de se discutir de forma mais aberta, questões relacionadas à homossexualidade, no contexto social. Nesse sentido, pretendemos desenvolver um trabalho radiofônico, no formato de série de reportagens, a fim de abordar, em cada registro, um panorama de tal universo.

2. Série de reportagens

A reportagem é uma notícia jornalística minuciosamente descrita, um relato e/ou interpretação mais detalhada de um acontecimento, que se utiliza de diversas fontes e visões sobre tal acontecimento ou aspecto da realidade. Dessa forma, o ouvinte, como receptor da reportagem radiofônica, tem distintas versões e pontos de vista sobre o mesmo fato. "A reportagem é o gênero mais rico entre os utilizados no rádio desde a perspectiva

informativa" (PRADO, 1989, p. 85). De acordo com autor, "toda reportagem é, em definitivo, uma agrupação de representações fragmentadas da realidade que em conjunto dão uma idéia global de um tema" (1989, p. 85). A notícia em si já é um conteúdo informativo que descreve um fato ou temática, a reportagem irá explorá-los em profundidade.

Segundo Barbosa Filho (2003, p. 92) a reportagem é

> Considerada uma narrativa que engloba, ao máximo, as diversas variáveis do acontecimento, a reportagem consegue ampliar o caráter minimalista do jornalismo e oportunizar aos ouvintes, leitores, telespectadores ou internautas uma noção mais aprofundada a respeito do fato narrado.

Por ser mais minuciosa, a reportagem exige uma produção mais detalhada, permeada por uma rigorosa coleta de informações derivadas das mais diversificadas fontes – bibliografias, documentos, enquetes, entrevistas, etc. "Ao fato central se juntam aos poucos outras representações fragmentadas de fatos adjacentes, que contribuem para a compreensão do tema" (PRADO, 1989, p. 85). Quando se fala em buscar mais relatos e/ou dados a respeito do assunto retratado, trata-se de buscar especialistas a respeito do tema, tanto para dar credibilidade à reportagem como para esclarecer ao máximo o ouvinte.

Uma reportagem já expõe muitos detalhes a respeito do tema proposto. "A grande vantagem das matérias mais longas é que, fazendo uso correto das sonoras, os dois lados conflitantes podem ir ao ar na mesma gravação" (CHANTLER, 1998, P. 165). Mesmo quando não existe conflito, o gênero reportagem possibilita novos desdobramentos sobre o tema retratado. Segundo Prado (1989, p. 89) "a reportagem é a possibilidade de incluir intervenções produzidas e buscadas à margem daquelas provocadas pela ação ou fato central. Aqui tem espaço às opiniões dos especialistas, ou o contraste entre os afetados pelos fatos e os ausentes do acontecimento".

Numa tentativa de ir além da notícia jornalística padrão, e da própria reportagem, surgiram às reportagens especiais e séries de reportagens. Para Chantler (1998, p. 164):

> As reportagens especiais dão à oportunidade de contar uma história em maior profundidade. Esse tipo de matéria tem pelo menos uma sonora, com o repórter fazendo a ligação entre diferentes partes do caso. Ela é, na verdade, uma notícia lida no estúdio e ilustrada com alguma gravação.

Já a série de reportagens é uma sequência periódica de reportagens que conta e relata vários fatos a respeito de um mesmo assunto em particular, durante um determinado intervalo de tempo, com o intuito de esclarecer ao máximo o ouvinte. "A reportagem é o relato de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística" (MELO, 1985, p. 49 apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 92).

3. A homossexualidade nas diversas esferas da sociedade

3.1 Sexualidade Humana: a visão psicanalítica da Homossexualidade

Apesar das relações entre os indivíduos do mesmo sexo, nas mais diversas sociedades, existir ao longo da história, o tema continua polêmico e causando controvérsias. Atualmente, dúvidas e informações incorretas ainda circundam o assunto. Começando pelo uso incorreto do termo *homossexualismo*. O sufixo *ismo* se refere à patologia, referindo a homossexualidade como doença e como tal, passível de tratamento em busca da cura. Ao contrário do que se defendia ao longo do século XIX, a homossexualidade não é um problema médico ou transtorno psiquiátrico.

> Enquanto alguns (*médicos*) acharam que as causas eram basicamente biológicas (hereditariedade, defeitos congênitos ou defeitos hormonais), outros explicaram a homossexualidade em termos do meio ambiente social. (Peter Fry, Edward MacRac, 1985).

Fry e MacRac explicam ainda que os primeiros teóricos como Krafft-Ebing, Ulrichs e Pires de Almeida faziam a distinção entre homossexuais passivos e ativos, sendo o primeiro caso de ordem biológica "e, portanto, os eximiam de qualquer culpa ou responsabilidade". Já os homossexuais ativos, "praticavam a homossexualidade por pura 'sem-vergonhice'".

De acordo com Laplanche (2001, p. 273), Freud sublinhou vários significados abarcados pelos termos feminino e masculino. O significado biológico se refere aos "caracteres sexuais primários e secundários" dos indivíduos. Já o significado sociológico, varia conforme "as funções reais e simbólicas atribuídas ao homem e a mulher na civilização considerada". Enquanto o significado psicossexual, refere-se aos "precedentes e especialmente no significado social". Ou seja, os processos que envolvem a sexualidade

humana são mais complexos do que a simples distinção entre os gêneros feminino e masculino. Neste raciocínio é necessário fazer a diferenciação entre gênero e sexualidade. O gênero é cultural e refere-se ao comportamento, enquanto a sexualidade é subjetiva e implica o desejo. Sendo assim, nem sempre a sexualidade corresponde ao gênero. Por exemplo, uma menina que realize atividades consideradas culturalmente 'masculinas', como jogar futebol, gostar de lutas e/ou possuir estilo mais 'desleixado' que a maioria das adolescentes de sua idade, não significa que sua sexualidade seja voltada para o sexo feminino. Seu gênero/comportamento é culturalmente voltado ao masculino, porém sua sexualidade/desejo é pelo sexo oposto. O gênero pode ser tanto dissonante quanto pode estar em sintonia à sexualidade. Simplificando, a sexualidade antecede o comportamento e o comportamento define o gênero.

Outros termos tendenciosos ao preconceito é *opção* ou *orientação* sexual. Não se trata de uma escolha. A sexualidade é constituída e não intencionada. Importante fazer uma distinção entre os três tipos constituintes da sexualidade humana: a homo, hétero e bissexualidade. Alguns autores, como McDougall defendem que todo o ser humano nos primórdios de seu desenvolvimento é sempre constituído bissexualmente, com o desenvolvimento, o ser humano vai se constituindo para uma homo ou heterossexualidade, ou permanece na bissexualidade original, neste caso é possível falar de opção, pois o sujeito poderá escolher entre os sexos que lhe atraem com mesma intensidade.

Freud tem uma teoria sobre sexualidade infantil, onde a criança muito cedo vai escolhendo de forma inconsciente qual sexo irá ser alvo de seu desejo, isto envolve muitos processos e interações que vão constituir a sexualidade. Não podemos desconsiderar as diversas correntes de pesquisas sobre homossexualidade no campo da psicanálise. Bem como levar em consideração que há uma constante construção e desmistificação do tema em várias outras áreas.

3.2. **A homossexualidade sob a ótica religiosa**

Apesar de ser um país laico, ou seja, que não impõe a seus cidadãos a necessidade de seguir determinada religião, a cultura do cristianismo é predominante no Brasil. Como a maioria das religiões, especialmente as monoteístas, que cultuam a um só Deus, tem como um de seus preceitos controlar e prescrever as práticas sexuais. Sendo assim, a homossexualidade ainda é objeto de atenção e preconceito por parte das religiões.

O cristianismo, em geral, condena a homossexualidade, mas existem grupos que tendem a respeitar as escolhas sexuais e pregam a tolerância, como a igreja anglicana e alguns grupos presbiterianos. Inclusive, há um expressivo número de homossexuais praticantes que ocupam cargos eclesiásticos. No judaísmo, a homossexualidade é antinatural e adota a forma de "aceitar seu pecador, mas não o pecado". No Kardecismo a homossexualidade é aceita e explicada como resultado de conflitos cármicos, mas incentiva o celibato. Para Budismo a homossexualidade não é uma questão de interesse religioso, mas de cunho pessoal. A vida sexual dos praticantes não é considerada determinante para a vida religiosa, ou seja, o homossexual é visto como qualquer outro membro. O Hinduísmo aceita a homossexualidade e até traz na sua história relatos de relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. No entanto, em alguns países com culturas mais fundamentalistas, pode haver maior preconceito. Já o islamismo condena abertamente a homossexualidade e o indivíduo homossexual. Estes podem ser punidos até mesmo com a pena de morte (Manual de Comunicação LGBT).

Escolhemos para trabalhar neste projeto duas religiões que abordam de formas distintas a homossexualidade: a Católica e a Umbanda. A primeira por negar completamente a opção sexual pelo mesmo sexo e a segunda por dar amparo e explicações aos homossexuais.

O embate entre católicos e gays não é recente. A Instituição adota certos valores como universais. Entre esses valores está o comportamento sexual dos seres humanos. O parágrafo 2357 do Catecismo da Igreja Católica expressa essa condição afirmando que "Atos homossexuais são contrários à lei natural (...) Eles não vêem de uma complementaridade afetiva e sexual genuína. Não são aprovados sob nenhuma circunstância." Sendo assim, o homossexualismo é visto como um transtorno capaz de incitar atos pecaminosos, ou seja, a relação sexual entre pessoas do mesmo gênero.

Diferente do que acontece no catolicismo, o homossexualismo é bem aceito dentro das religiões afro-brasileiras, como por exemplo, a umbanda. Isso acontece porque na Umbanda e no Candomblé são desconsideradas as noções de pecado e não há qualquer interferência na vida sexual de seus membros.

Para Ferreti (2005) "É comum a homossexualidade entre membros do culto, como em muitas outras religiões ou atividades que incentivam a sensibilidade", mas isso não significa dizer que os umbandistas incitem esta opção sexual. Assim, entende-se que aquilo que muitas vezes é considerado marginal ou alvo de exclusão, como por

exemplo, prostitutas e gays, são acolhidos e aceitos dentro desta manifestação religiosa devido à ausência de dogmas que regrem o que é considerado certo ou errado.

No entanto, estudos já colocam a visão de que a umbanda explica o homossexual como alguém que possui uma "entidade de frente", que pode ser trabalhada e extinguida. Machado (1996) explica que os terrenos de candomblé, diferente da Umbanda, estão mais abertos ao homossexual masculino, pois nos terreiros da umbanda o espírito possuído expressa continuidade com o plano social. Isso significa que apesar de os rituais da Umbanda apresentarem certa discriminação em seus cerimoniais, tal religião apresenta tolerância em relação aos indivíduos que a procuram.

3.3. **Direitos Civis e relações sociais no âmbito da sexualidade**

No convívio social o homem enfrenta vários tipos de pré-conceitos, entre eles, raciais, religiosos e econômicos. Esses pré-conceitos levam a discriminações em relação aos direitos humanos. "Um Estado democrático de direito não pode aceitar práticas sociais e institucionais que criminalizam, estigmatizam e marginalizam as pessoas por motivo de sexo, orientação sexual e/ou identidade de gênero" (PLANO NACIONAL, 2009, p. 11). Cada vez mais o movimento LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – reivindica seus direitos e busca firmar sua cidadania. Entre as medidas do Plano Nacional consta: "orientar a construção de políticas públicas de inclusão social e de combate às desigualdades para a população LGBT, primando pela intersetorialidade e transversalidade na proposição e implementação dessas políticas" (2009, p. 10).

O Plano Nacional de Promoção e Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, prevê uma política pública que consiga inserir de forma legal e social os homossexuais. O plano também prevê a discussão e as necessidades de mudança no Código Brasileiro. Pessoas do mesmo sexo são proibidas de casar e adotar uma criança no Brasil. Um casal homossexual que deseja adotar uma criança tem de recorrer a inúmeros processos judiciais para enfrentar a burocracia brasileira no que diz respeito à adoção e união estável entre os homossexuais. Desde 1995, existe um Projeto de Lei para ser votado pelo Congresso Nacional a respeito da oficialização da união estável entre homossexuais.

O Projeto de Lei 1.151/95, que prevê a união estável entre pessoas do mesmo sexo, nunca chegou a ser aprovado e em 2009 foi substituído pelo Projeto de Lei

4.914/09: "aplica à união estável de pessoas do mesmo sexo os dispositivos do Código Civil referentes à união estável entre homem e mulher, com exceção do artigo que trata sobre a conversão em casamento" (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBT, 2009, p. 34).

Para Frank e McEneaney (1999) um estudo dos últimos 20 anos constatou uma tendência à descriminalização das relações entre pessoas do mesmo sexo, assim como se verificou uma grande variedade de formas de como as relações sexuais são tratadas. Em alguns países, a Constituição assegura um conjunto de direitos aos homossexuais, sendo que tal assunto tornou-se uma questão política, com diversos movimentos a favor de direitos civis. Os homossexuais passaram a se identificar como tais no meio familiar e social, assumindo publicamente essa condição. No entanto, "dizer ser ou não ser homossexual ainda é uma questão bem mais aflitiva que ser ou não negro, deficiente físico ou mulher" (Almeida e Crillanovick, 1999, p.167).

A ação mais significativa em beneficio de tal grupo se constitui pelo projeto de lei nº 1.151, de 1995 de autoria da então deputada federal de São Paulo, Marta Suplicy: "Entre outras conquistas, o projeto dispõe sobre regras da união civil entre duas pessoas do mesmo sexo, inclusive garantido amplamente aos contratantes os direitos civis de sucessão regulados pela Lei n. 8971/94" (CRUZ, 2003, p.219). O Conselho Federal de Psicologia promulgou, em 1999, a Resolução 001 que estabelece, aos psicólogos, normas de atuação em relação ao tema da orientação sexual. A Resolução considera que a homossexualidade não é doença, nem distúrbio, nem perversão e estabelece que os psicólogos não colaborem com propostas de tratamento e cura da homossexualidade. Nesse contexto, preconceito e homofobia passam a ser vistos como fator de restrição de direitos de cidadania, o que acaba por impedir a esses cidadãos o direito à educação, à saúde, ao trabalho, à segurança e aos direitos humanos.

3.4. Literatura Infanto-Juvenil e homossexualidade

Para que um tema tratado de forma mistificada e preconceituosa torne-se natural, é necessário que se percorra um longo de caminho, construído a partir de discussões, difusão de informação, análises e mudanças de comportamentos. No entanto, é muito difícil modificar uma estrutura social, uma vez que para as pessoas é mais cômodo manter suas opiniões e julgamentos estagnados do que renová-los, dando espaço a novas experiências e formas de ver e conviver com o mundo.

Exatamente por isso, a manutenção da estrutura social deve ter como base a escola, ambiente frequentado por indivíduos em formação, menos preconceituosos e mais abertos a novas realidades e questionamentos.

> Não por acaso, em nossas escolas, temos assistido ao crescente interesse em favor de ações mais abrangentes no enfrentamento da violência, do preconceito e de discriminação contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Cada vez mais a homofobia é percebida como um grave problema social, e a escola é considerada um espaço decisivo para contribuir na construção de uma consciência crítica e no desenvolvimento de práticas pautadas pelo respeito à diversidade e aos direitos humanos (JUNQUEIRA, 2009, p. 7).

Dentro do ambiente de aprendizado escolar, segregações e preconceitos precisam ser combatidos, na busca da construção de uma sociedade igualitária, em que os direitos de cidadania possam ser cobrados e aplicados da mesma forma para todos. O livro, como obra literária, é um instrumento que pode contribuir de forma significativa nesse processo.

> Partindo do dado básico de que é através de sua consciência cultural que os seres humanos se desenvolvem e se realizam de maneira integral, é fácil compreendermos a importância do papel que a Literatura pode desempenhar para os seres em formação. É ela, dentre as diferentes manifestações da Arte, a que atua de maneira mais profunda e duradoura, no sentido de dar forma e de divulgar os valores culturais que dinamizam uma sociedade ou civilização (Coelho, 1984, p.3).

Quando falamos em escola e em indivíduos em formação, devemos associar tais termos a Literatura Infanto-Juvenil que é, antes de qualquer coisa, Literatura. Ou seja, "fenômeno de criatividade que representa o Mundo, o Homem, a Vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização (Coelho, 1984, p.10).

A autora ainda afirma que:

> Cumprindo sua tarefa de alegrar, divertir ou emocionar o espírito de seus pequenos leitores ou ouvintes, leva-os de maneira lúdica, fácil, a perceberem e interrogarem a si mesmos e ao mundo que os rodeia, orientando seus interesses, suas aspirações, sua necessidade de auto-afirmação ou de segurança, ao lhe propor objetivos, ideais ou formas possíveis (ou desejáveis) de participação social (Coelho, 1984, p.3).

Algumas temáticas antes omitidas pela Literatura Infanto-Juvenil vêm sendo retratadas com mais freqüência e intensidade. No entanto, isto não se aplica ao tema homossexualidade:

> Se hoje em dia vemos muitos/as autores/as preocupados/as em incluir em seus livros personagens negros, gordinhos, míopes e meninas (embora em grande parte das histórias elas continuem sendo meras coadjuvantes, deixando a função de protagonista para os meninos), por outro lado, há uma parcela da população que continua sendo não apenas invisível, mas inexistente nos livros infantis e juvenis adotados pelas escolas. São os/as homossexuais (Junqueira, 2009, p. 329).

O número escasso de obras que abordem a homossexualidade de forma direta ou indireta em seus enredos deve-se, segundo Junqueira (2009, p. 330, 331), a três fatores:

> A "homofobia" (o medo irracional de homossexuais), o "heterocentrismo" (crença de que todos os alunos e o mundo em geral são heterossexuais) e o "mito da conversão" (de acordo com esse mito, todos/as os/as homossexuais são criaturas solitárias e predadoras como um vampiro, cuja única meta na vida é "converter" jovens inocentes ao seu tipo de vida marginal de promiscuidade e pecado) (SANTOS, 1997: 183-184).

Além de empobrecer as obras e reforçar os processos de estigmatização, a exclusão das questões homossexuais na literatura infanto-juvenil, destinada a indivíduos em formação, faz com que essas crianças e adolescentes não tenham papéis com os quais se identificar ou então, não tenham a chance de conhecer o assunto. Tratar, a homossexualidade desde cedo, desvinculada de preconceitos, dentro de situações comuns a qualquer ser humano/personagem contribui para que esses leitores tornem-se cidadãos com um posicionamento mais aberto e flexível diante das diversidades de orientação sexual:

> Enquanto os alunos e as alunas heterossexuais se deparam constantemente com modelos de identificação nos livros lidos, os/as estudantes homossexuais não encontram esses modelos, o que acarreta, na maioria das vezes, um sentimento de inadaptação, de inadequação à sociedade e ao mundo em geral. Para Rick Santos: Debater a questão e os valores gays honestamente beneficia todos os alunos independente de suas orientações sexuais, origens raciais e religiosas. (ibid.:187) (JUNQUEIRA, 2009, p.331).

A necessidade de inserção de personagens e temáticas homossexuais na Literatura, especialmente na destinada ao público-leitor infanto-juvenil é um dos muitos caminhos que pode levar a uma sociedade mais flexível e igualitária, capaz de perceber que as diferenças não excluem, mas adicionam.

4. Metodologia

No presente trabalho, desenvolvemos uma série de reportagens sobre o tema Homossexualidade. Fomos a campo para construir as bases do roteiro e sanar eventuais dúvidas a respeito do tema, realizando de forma conjunta pesquisas bibliográficas. No primeiro momento, angariamos o máximo de material possível - entrevistas, recolhimento de dados em sites, livros, revistas e artigos científicos – para que depois fosse possível organizá-lo na série de reportagens.

A primeira fase do projeto caracterizou-se pela busca de subsídios para retratar as ramificações do tema que propomos. Estes itens foram direcionados, delimitando o enfoque a ser tratado por cada reportagem. Dispondo deste material, cinco roteiros foram criados, de acordo com cada subtema; correspondentes a cada reportagem da série *Discutindo Gêneros*.

5. Memorial Descritivo

A primeira fase do trabalho foi de aprofundamento dos recortes sobre homossexualidade que deram corpo às reportagens. A pesquisa bibliográfica foi bastante ampla não apenas debruçada nas questões técnicas da produção de reportagem radiofônica como também no contexto em que vive o púbico homossexual na sociedade atual tudo isso para poder estruturar as entrevistas de modo a cercar cada assunto do que era realmente importante informar. Todo o trabalho foi amparado em uma pesquisa teórica sobre todos os aspectos que pautaram as reportagens e ainda sobre conceitos de rádio e o formato em questão.

A segunda fase foi de separação de temas. Cada integrante do grupo desenvolveu uma reportagem, definindo de forma individual a pauta, fontes, edição e roteiro. Entre as fontes entrevistamos um padre, um umbandista, advogados, psicólogos, uma pesquisadora, além de homossexuais que estão a par das ações de movimentos de defesa aos direitos do LGBTT.

Por fim, o grupo deu início à produção dos roteiros e edição de sonoras. gravação e edição das reportagens ocorreu entre 4 e 25 de maio de 2010. Nesta fase percebemos que os objetivos descritos no projeto já começavam a ser cumpridos. O material reuniu discursos de autoridade dentro de cada subtema proposto, sem deixar de lado testemunhos cotidianos sobre a realidade homossexual.

6. Considerações Finais

O presente projeto possibilitou aos acadêmicos, a experimentação do conhecimento prático aliado a teoria e a questões que permeiam a homossexualidade. Conforme deixamos claro ao longo do trabalho desenvolvido, as relações entre a sociedade e os indivíduos homossexuais ainda se configuram como algo permeado de preconceitos e tabus. Nossa intenção, desde o princípio, foi falar sobre a homossexualidade de maneira simples e "normal", retratando a temática como ela realmente é: algo natural na vida de determinados indivíduos.

Na tentativa de contribuir no processo da quebra de preconceitos e estereótipos, produzimos a série de reportagens radiofônica *Discutindo Gêneros*, que ao informar, de maneira diferenciada, a sociedade a respeito de questões relacionadas a homossexualidade, visa, sobretudo, gerar reflexões e debates, em busca de uma desmistificação em torno do tema trabalhado.

No que tange os Direitos Civis, ouvimos especialistas sobre as restrições legais que envolvem esse grupo social, abordando temas como adoção, união matrimonial e a guarda de menores de idade. Além de discutir a necessidade e a possibilidade de alterações e elaboração de novas diretrizes. No subtema religião, procuramos compreender como duas religiões, uma conservadora e outra liberal, vêem os LGBTT e que restrições os impõem, se, lhes impõem. Preconceito e inclusão serão abordados sob a perspectiva das relações sociais com a família, os amigos e também no ambiente profissional. Ainda fez parte do projeto, abordar o processo psicológico, tanto no que diz respeito à consciência do indivíduo sobre si mesmo, quanto seus laços e interações. Interligada as questões de ordem psicológica foi explorada a forma como o grupo é retratado, se é que é retratado, através dos livros literários infanto-juvenis.

O grupo traçou como objetivos a serem alcançados através da peça radiofônica colher informações sobre o universo homossexual; Difundir as informações visando o entendimento do ouvinte sobre o cenário em que vivem os gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais e contribuir para a diminuição do preconceito com o universo LGBTT. Esperamos que o material produzido, ao ser transmitido aos ouvintes, desperte uma reflexão a respeito da homossexualidade. Ponderar sobre a temática, pouco a pouco, pode levar a mudanças de opinião e de comportamento a respeito da homossexualidade.

Referências Bibliográficas

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos:** os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Editora Paulinas, 2001.

CHANTLER, Paul, Stwart, Peter. **Fundamentos do radiojornalismo**. São Paulo: ROCA, 2007.

_____. **Radiojornalismo**. São Paulo, SP: Summus, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil:** história, teoria, análise. São Paulo: Quíron, 1984.

_____. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

Farr, R. (1995). **Representações sociais**: A teoria e sua história. Em P. Guareschi & S. Jovchelovitch (Orgs.), Textos em representações sociais (pp.31-59). Petrópolis: Vozes.

FERRARETTO. Luiz A. **Rádio. O veículo, a história e a técnica.** 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

Frank, D. J. & McEneaney, E. H. (1999). **The individualization of society and the liberalization of states policies on same-sex sexual relations**, 1984-1995. Social Forces, 77, 911-944.

FRY, Peter, MACRAC, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

GROF, Stanislav, **Além do Cérebro**: nascimento, morte e transcendência em psicoterapia/ Stanislav Grof; tradução Wanda de Oliveira Roselli; revisão técnica Doucy Douek, Vicente Galvão Parizi. São Paulo: McGraw- Hill, 1987.

GOÉS, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil.** São Paulo: Pioneira, 1991.

Hovland, C. I. & Sears, R. R. (1940). **Minor studies in aggression VI**: Cor. relation of lynching with economic indices. Journal of Personality, 9, 301-310.

Jodelet, D. (1991). **La representación social**: Fenómenos, concepto y teoría. Em S. Moscovici (Org.), Psicología social (Vol. 2, pp. 469-494). Barcelona: Paidós.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LGBT, **Manual de Comunicação**. 2009.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura de mundo.** São Paulo: Ática, 1994.

LAPLANCHE, Jean. **Vocabulário da Psicanálise**/ Laplanche e Pontalis; sob a direção de Daniel Lagache; tradução Pedro Tamem. – 4ªed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). Corpo**, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003.

MCDOUGALL, J. (1997). **As múltiplas faces de Eros***: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana*. São Paulo: Martins Fontes.

MEDITSCH, Eduardo (org.). **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis, SC: Insular, 2007.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo, SP: Summus, 1989.

VENÂNCIO, Ana Carolina Lopes. **Literatura infanto-juvenil e diversidade.** Curitiba, 2009.

Sites Consultados

FERRETI, Sérgio F. **Perspectivas das religiões Afro-brasileiras no Maranhão -** Trabalho apresentado na Mesa Redonda Perspectivas das Religiões Afro-Indígenas e Populares. XVIIª Semana Acadêmica e IIª de Ciências Religiosas. IESMA, São Luís, 20/10/2005. Disponível em: http://www.gpmina.ufma.br/pastas/doc/Perspectivas%20das%20religioes%20afro%20brasileiras%20no%20MA.pdf Acesso em: 05/04/2010 às 23h11min.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Conversão Religiosa e a Opção Pela Heterossexualidade em Tempos de AIDS** – Artigo que resultou de pesquisa "Os efeitos da filiação religiosa no exercício da sexualidade e da reprodução: um estudo comparativo dos pentecostais e carismáticos católicos", financiada pela Fundação MACARTHUR. Disponível em: http://www.ceil-piette.gov.ar/docpub/revistas/sociedadyreligion/sr14-15/sr1415dasdores.pdf Acesso em: 12/04/2010 às 12h57min.